

Relatos de experiências

Redes sociais: é possível sua inserção no formato EAD?

Reflexões sobre a gestão a partir do uso da ferramenta live do Facebook em cursos de graduação em jornalismo

Social Networks: Is it possible to insert it in EAD format?

Reflections on the Management from the Use of the Facebook Live Tool in Graduation Courses in Journalism

Redes Sociales: ¿Es posible su inserción en el formato EAD?

Reflexiones sobre la gestión a partir del uso de la herramienta Live de Facebook en los cursos de graduación en periodismo

Fabiana Crispino Santos¹ Mirian Martins da Motta Magalhães¹ Elaine Vidal Oliveira¹

Resumo

O presente artigo tem como propósito refletir sobre a gestão de um curso de graduação em Jornalismo oferecido no modelo EAD a partir da introdução de práticas que usem as redes sociais. Desde que as rotinas produtivas das redações jornalísticas foram modificadas por conta das novas ferramentas que a tecnologia trouxe, entre elas, as redes sociais, o ensino nos cursos de graduação teve que ser revisto e adaptado. Assim como ocorreu nas graduações presenciais, os cursos oferecidos a distância também devem se adequar. Desse modo, o artigo busca refletir sobre o papel da gestão, o que de imediato ela precisa observar

¹ Ibmec RJ. Av. Armando Lombardi, 940 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil.

e como implementar os recursos oferecidos, usando como exemplo a ferramenta *Live* do *Facebook*, muito usada ultimamente na prática jornalística.

Palavras-chave: Graduação em jornalismo. EaD. Redes sociais. Gestão.

Abstract

The purpose of this article is to make a reflection about the management of the Journalism undergraduate course offered in a Distance Education model by introducing practices related to social media. Since the routines of paper newsrooms have been modified because of the new tools that technology has brought, including social networks, the teaching in undergraduate courses would be revised and adapted. As it occurred with presencial courses, long distance courses should also adapt themselves. That way, the article seeks to reflect on the role of management, what it must immediately be observe and how to implement the resources offered, using as an example the Facebook Livetool, which has been used quite often in recent journalistic practice.

Keywords: Journalism undergraduate. Distance education. Social media. Management.

Resumen

El presente artículo tiene como propósito reflexionar sobre la gestión de un curso en graduación en Periodismo ofrecido en el modelo EAD a partir de la introducción de prácticas que usen las redes sociales. Desde que las rutinas productivas de las redacciones periodísticas fueron modificadas por cuenta de las nuevas herramientas tecnológicas, entre ellas las redes sociales, la enseñanza en los cursos de graduación tuvo que ser revisada y adaptada. Así como ocurrió en las graduaciones presenciales, los cursos ofrecidos a distancia también deben adecuarse. De este modo, el artículo busca reflexionar sobre el papel de la gestión, lo que de inmediato se necesita observar y cómo implementar los recursos ofrecidos, usando como ejemplo la herramienta Live de Facebook,

muy usada últimamente en la práctica periodística.

Palabras clave: Graduación en periodismo. Enseñanza a distancia. Redes sociales.

I. Introdução

As redes sociais são uma realidade da vida contemporânea. Quase todas as organizações, independentemente de sua finalidade, já as incorporaram como meio de produção/interação/divulgação de informações. Desse modo, quando se discute um ofício que tem como produto final a informação, a notícia, nada mais natural que elas já estejam engajadas no processo de produção da notícia.

Se no mercado do Jornalismo a prática está consolidada, por que não incorporá-la à vida acadêmica do futuro profissional? As graduações presenciais estão se adequando à realidade e inserem, cada vez mais, atividades que contem com o auxílio e as potencialidades das redes sociais. Além de disciplinas teóricas que discutem seu papel, muitas disciplinas práticas de produção de notícias já usam as redes sociais de maneira intensa.

Como o formato a distância ainda é recente nas graduações em Jornalismo, há poucas publicações direcionadas a essa questão específica, ou seja, ao uso das redes sociais, o que pressupõe tanto pesquisa quantitativa (quais e que cursos são oferecidos nesse formato no país) quanto qualitativa (análise das grades/disciplinas dos cursos oferecidos), buscando-se um referencial para que a discussão avance.

Para sustentar a reflexão, o presente artigo propõe a construção de um quadro teórico-metodológico composto de uma sintética revisão da literatura referente ao tema, valendo-se de autores das áreas envolvidas, comunicação e gestão em educação, além de pesquisa acerca da oferta de cursos no modelo EAD e suas respectivas estruturas curriculares. O uso do *Facebook* na produção de notícias também será descrito, em especial, a ferramenta denominada *Live*, visando pensar sua aplicabilidade em atividades práticas propostas no modelo EAD, com foco no papel do gestor, principalmente, o que caberia a ele observar e cuidar

no momento da implementação.

2. Contextualização: a profissão e a formação em Jornalismo

Desde 1995, quando o Jornal do Brasil disponibilizou parte de sua edição diária na internet, os leitores de notícias brasileiros iniciaram um processo sem volta. A partir da experiência inovadora do JB, outros jornais de todo o país se aventuraram na rede de computadores, até então um espaço desconhecido para os jornalistas.

Atualmente, em pleno século XXI, há *sites* especializados em notícias, como o UOL, portais de redes de comunicação, como Globo.com, e portais abastecidos exclusivamente pelo jornalismo dessas redes, como é o caso do G1. Além dos ambientes de informação, há também as redes sociais das empresas jornalísticas, normalmente interligadas aos *sites* e portais que as mesmas dispõem, nos quais as informações são disponibilizadas em outros formatos, atualizadas pelo próprio leitor, comentadas e compartilhadas. As redes sociais também são usadas pelos jornalistas como *locus* de desenvolvimento da notícia, por exemplo, durante o trabalho de apuração e checagem de informações.

Isso posto, os cursos presenciais de graduação em Jornalismo introduziram nos conteúdos disciplinares as ferramentas e os recursos oferecidos pela internet, buscando atualização à prática que já ocorria nas redações. Essas transformações foram rápidas na atividade jornalística profissional, porém lentas na educação, que demorou a assimilar e admitir que algumas atividades pedagógicas deveriam ser mudadas.

Assim, de modo gradual, os cursos superiores foram adequando suas grades, inserindo disciplinas que discutiam teoricamente o uso da internet e de suas potencialidades. Do mesmo modo, um menu de novas possibilidades foi sendo implantado nas atividades propostas nas disciplinas práticas. Esse movimento surgia para atender a uma formação que acolhe as mudanças, que não fecha os olhos às transformações ocorridas fora do mundo acadêmico.

Segundo Tractenberg *et al* (LITTO; FORMIGA, 2012, p.259), “a

pós-modernidade é marcada pela exacerbação do individualismo e do imediatismo, pela contestação da racionalidade das instituições sociais tradicionais (...), e a “cibercultura instrumentaliza e concretiza essas perspectivas pós-modernas por meio de práticas que subvertem a lógica unidirecional da produção-distribuição-consumo (...)”. Assim, o contexto atual pede por práticas que deem conta de múltiplas necessidades de consumo, e a notícia não está fora dele, assim como a educação.

O público está ávido por informação; no entanto, não a quer mais em um único formato e de forma estática. A construção coletiva está inclusa em um novo paradigma, pois o consumidor quer receber, mas também quer ajudar a construir, compartilhar e opinar. No meio jornalístico, as redes sociais vieram ao encontro dessa necessidade (rápido compartilhamento e fácil interação) e apresentam-se como vias para dar conta do desejo de interação e de contribuição para o desenvolvimento da informação (RECUERO, 2011).

Para Wenger (In LITTO; FORMIGA, 2009, p.327), “a aprendizagem em termos de uma competência social e uma experiência pessoal” envolve “três modos distintos de vivenciamentos dessa aprendizagem (...): engajamento, imaginação e alinhamento”. Kenski (2015) acrescenta à discussão o alerta de que novas regras devem ser criadas entre as pessoas que aprendem e ensinam nos ambientes virtuais, principalmente em comunidades de práticas, como as redes sociais.

Sabe-se que a formação acadêmica, além de responsável pelo conteúdo que envolve o exercício profissional, deve inserir valores ligados às esferas da ética e da responsabilidade social. Como posto no artigo 5º das Diretrizes Nacionais Curriculares do Curso de Jornalismo (DCNs²), entre as competências gerais que se espera do egresso, estão “identificar e reconhecer a relevância e o interesse público entre os temas da atualidade, e distinguir entre o verdadeiro e o falso a partir de um sistema de referências éticas e profissionais”. Entretanto, também está destacado nas DCNs, em seu artigo 2º (item IV), a necessidade de “inserir precocemente o aluno em atividades didáticas relevantes para a sua futura vida profissional”.

Portanto, as DCNs do curso já oferecem uma justificativa bastante

² Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&Itemid=30192>. Acesso em: 20/11/2017.

razoável para que as novas práticas sejam observadas com rigor, uma vez que a inserção das redes sociais como espaço de aprendizado apresenta-se como viável tanto para levantar questões éticas relacionadas à produção e veiculação da notícia como para atender à exigência disposta no artigo 2º (item IV), de contato precoce do aluno com atividades de que ele fará uso em seu dia a dia profissional.

3. O crescimento da EaD no Brasil: em que estágio estão os cursos de graduação em Jornalismo oferecidos nesse formato?

A educação a distância tem-se expandido, desde seu surgimento, com períodos de maior adesão, como o atual, com cerca de 1 milhão de alunos matriculados em cursos semipresenciais ou a distância em todo o país, segundo dados do Censo da Educação Superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em 2016.³ O número é referente a cursos de diferentes níveis, mas todos voltados para o nível acadêmico, ou seja, os cursos corporativos não foram incluídos.

Pesquisas da Associação Brasileira de Ensino a Distância (ABED) apontam a facilidade de conciliar trabalho com estudo como a principal causa da procura pelos discentes por esse tipo de formação. Outro dado a ser ressaltado no censo feito pela ABED em 2016 é a faixa etária do público, que se encontra majoritariamente entre 31 e 40 anos (37%), enquanto a maior parcela de estudantes na educação presencial se concentra na faixa de 21 a 30 anos⁴.

Com a expansão da EAD, vários cursos foram sendo inseridos nesse universo, entre eles, a formação em Jornalismo. Além da novidade da oferta em outra modalidade, a profissão também vem passando por muitas transformações, principalmente em relação às práticas. Com o surgimento das redes sociais, o Jornalismo ganhou novos recursos e métodos

³ Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acesso em: 20/07/2018.

⁴ Disponível em: <http://abed.org.br/censoead2016/Censo_EAD_2016_portugues.pdf>. Acesso em: 20/07/2018.

para apuração e produção da notícia. Assim, atitudes antes consolidadas foram adaptadas às potencialidades oferecidas pelas redes sociais.

Esses avanços tecnológicos impactam no jornalismo, gerando novas capacidades de operação, principalmente para o repórter em campo em coberturas de reportagens de grande repercussão. Com estes dispositivos de múltiplas funções, o profissional do jornalismo pode agregar à sua rotina produtiva, o registro de áudio, vídeo, imagens e a produção de textos jornalísticos, além de poder editar, transmitir ao vivo e enviar estes conteúdos através das redes móveis (VIRGINIO et al, 2011, p.4).

Elias Machado, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), escreveu um livro – O ciberespaço como fonte para os jornalistas – para buscar entender como esse fenômeno se deu e se perpetuou no Jornalismo. Embora, na época da publicação do livro, as redes sociais ainda não tivessem alcançado a projeção de hoje, em sua análise, Machado (2003) alerta para pontos importantes, aplicáveis ao momento atual.

O autor ressalta que, na internet, há milhares de fontes espalhadas e, portanto, é preciso ter critérios. Entretanto, em todos os veículos noticiosos, o tempo é um item determinante e precioso, pois a ânsia por ser o primeiro a noticiar faz parte da natureza do negócio. O fato de as redes sociais serem consideradas fontes de informação rápida (mas não necessariamente segura) explica por que o Jornalismo a abraçou com rapidez, mas também recomenda refletir sobre seu uso, principalmente sobre como e quando usá-la.

Em pesquisa feita à base de dados do e-MEC, portal “criado para fazer a tramitação eletrônica dos processos de regulamentação” dos cursos oferecidos pelas IES, sejam na forma presencial ou a distância, visando ao “acompanhamento dos processos pelas instituições de forma simplificada e transparente”⁵, poucos cursos de Jornalismo na modalidade a distância mostram-se em funcionamento atualmente, embora cerca de uma dezena apareçam credenciados, porém sem data para início. As IES que ofertam o curso são: Universidade do Contestado (SC), iniciado

⁵ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/e-mec-sp-257584288>>. Acesso em: 20/11/2017.

em 22/02/2016⁶; Centro Universitário Internacional (UNINTER - PR), com data de 06/02/2017⁷; Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL)⁸, Universidade Cidade de São Paulo (UNICID)⁹, Universidade de Franca (UNIFRAN)¹⁰ (todas em 01/02/2018).

Como pode ser observado, a oferta da graduação em Jornalismo no formato a distância é recente. Voltando aos cursos citados em funcionamento, a UNINTER possui uma página bastante esclarecedora sobre o curso, na qual aparece a seguinte frase: “Nosso formando será capaz de se posicionar de um ponto de vista ético-político e exercer sua profissão de forma consciente, atualizada e criativa, além de dominar as ferramentas e as técnicas de comunicação”¹¹. Além de citar o domínio das ferramentas e técnicas de comunicação como uma habilidade a ser conquistada durante a graduação, o ingressante recebe, no ato da matrícula, um “kit de comunicação” que consta de gravador, câmera fotográfica e filmadora 4k, tripé, fone de ouvido e *softwares* que compõem o *Creative Cloud 2016 Complete*¹².

O que fica em destaque na página da UNINTER é uma proposta voltada para a atualidade, de um curso que contemple as novas TICs, além de primar pelo desenvolvimento de ação empreendedora, item que consta das DCNs da graduação em Jornalismo (Art. 4º, item II)¹³.

⁶ Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/emec/consulta-cadastro/detalhamento/d96957f455f6405d14c6542552b0f6eb/NDQx/9f1aa921d96ca1df24a34474cc171f61/MTY4OQ==>>. Acesso em: 30/01/2018.

⁷ Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/emec/consulta-cadastro/detalhamento/d96957f455f6405d14c6542552b0f6eb/MTQ5MQ==/9f1aa921d96ca1df24a34474cc171f61/MTY4OQ==>>. Acesso em: 30/01/2018.

⁸ Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/emec/consulta-cadastro/detalhamento/d96957f455f6405d14c6542552b0f6eb/MjIx/9f1aa921d96ca1df24a34474cc171f61/MTY4OQ==>>. Acesso em 20/07/2018.

⁹ Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/emec/consulta-cadastro/detalhamento/d96957f455f6405d14c6542552b0f6eb/NDE3/9f1aa921d96ca1df24a34474cc171f61/MTY4OQ==>>. Acesso em: 20/07/2018.

¹⁰ Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/emec/consulta-cadastro/detalhamento/d96957f455f6405d14c6542552b0f6eb/NDk2/9f1aa921d96ca1df24a34474cc171f61/MTY4OQ==>>. Acesso em: 20/07/2018.

¹¹ Disponível em: <<http://www.uninter.com/graduacao-ead/curso-jornalismo/#>>. Acesso em: 20/11/2017.

¹² Idem.

¹³ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 20/11/2017.

A questão do incentivo à criatividade também está presente, pois as licenças dos *softwares* oferecidas gratuitamente aos alunos ao longo do curso apontam nessa direção, mas também atendem às exigências de um mercado que cada vez mais pede um profissional multitarefas.

É importante destacar que o objetivo da pesquisa nasceu da inquietação com o que está posto, ou seja, verificar se as graduações estão alinhadas com o que está, de fato, ocorrendo no mundo do trabalho. Para finalizar a análise da grade da UNINTER, há também conteúdos relativos à formação geral e à área das ciências sociais e humanas, além da formação específica em Jornalismo nas diferentes plataformas (rádio, TV, internet, impresso); em princípio, uma grade que busca atender às DNCs, mas também aos novos caminhos propostos para a profissão.

Com relação à Universidade do Contestado, embora o *site* disponibilize algumas informações, a impressão que fica é a de um curso organizado muito na lógica de uma graduação presencial, com estrutura curricular bastante comum a esse modelo. Não há nada referente ao perfil do egresso, por exemplo, o que, caso houvesse, poderia indicar atenção a questões como autonomia ou aprendizagem coletiva, competências importantes na educação a distância.

Desse modo, o resumo após a observação é de uma proposta muito próxima às que já existem nas graduações presenciais, ou mesmo de um curso em formação, em processo de construção, o que parece ser, na verdade, a realidade de todas as IES credenciadas. Quanto às demais IES que aparecem como credenciadas para funcionar a partir de 2018, nenhuma possui em seu *site* quaisquer informações sobre suas estruturas curriculares, o que inviabiliza a análise.

Destaca-se que mesmo a UNINTER disponibilizando dados que levem a crer que a instituição está na vanguarda em relação às outras, é impossível alguma certeza nesse momento, uma vez que nenhuma das graduações citadas possui tempo de oferta que avalize as grades.

4. Referências teóricas

4.1. Educação a distância

Acreditando que o ensino deva ser acessível a todos, há educadores voltados para o discurso da inclusão e da acessibilidade, colocando a educação a distância como caminho mais do que viável para alcançar patamares mais igualitários referentes ao conhecimento. É o caso de Fredric M. Litto, professor emérito da Escola de Comunicações e Artes da USP, que defende o modelo a distância como uma saída para a inclusão e para a capacitação de que tanto o mercado de trabalho brasileiro necessita.

Confusos e desorientados quanto às novas possibilidades de comunicação, à alteração de papéis (sociais, profissionais) e ao poder de indivíduos, grupos e instituições públicas e privadas, devido à força transformadora das novas tecnologias, eles tentam deter a implantação de novos métodos de ensinar, de aprender e de trabalhar. Como consequência, acabam reforçando as rígidas distinções no país (LITTO, 2014, p.59).

Se a educação a distância ainda é tabu, tem seus desafios e precisa vencer obstáculos e, principalmente, conquistar definitivamente a confiança da sociedade e de educadores. Não é difícil imaginar que propor mudanças no que está aí e conquistado com resistência é quase inimaginável. Mas se há uma característica que deve ser ressaltada na modalidade, esta é a inovação constante. Talvez o fato de não estar totalmente acolhida pela sociedade lhe permita constantes experimentos, tornando-a avançada e aberta a variações. E é nesta característica que a proposta discutida neste artigo se apoia:

As escolas e as universidades ainda estão presas aos modelos tradicionais de ensino, onde submetem seus alunos a métodos engessados, pouco flexíveis, repetitivos e monótonos. É certo que muitos desses alunos estão plenamente conectados e imersos em um mundo virtual que já faz parte de seu cotidiano, as suas relações e interações com o mundo já não são as mesmas, pois estes se comunicam e atualizam-se constantemente através das TICs que estão disponíveis e crescem a todo o momento na sociedade moderna (LEKA e GRINKRAUT, 2014, p.2).

Keegan (1996), um dos principais teóricos da EAD, destaca, em suas obras, que o processo educacional a distância é reconhecido como centrado no aluno e mediado pelas tecnologias, fato esse que leva à necessidade de se refletir como alunos e professores devem interagir para gerar aprendizagem. Os conceitos de autonomia e independência, amplamente destacados pelo autor como atributos necessários aos discentes no ensino a distância, não devem ser vistos pelos tutores como responsabilidade única dos alunos. Para que o processo se consolide, o estímulo, muitas vezes, deve partir do docente.

O sistema a distância implica estudar por si mesmo, mas o aluno não está só; vale-se de um curso e de interação com instrutores e com uma organização de apoio. Produz-se, assim, uma espécie de diálogo em forma de tráfego de mão dupla (LANDIN, 1997, p. 14).

Sacristán (1998) destaca que as táticas que o professor usa para auxiliar os alunos a construir conhecimento devem contemplar recursos materiais, ou seja, existe uma relação entre as estratégias e os instrumentos pedagógicos, e ela deve ser ponderada, para que o processo de aprendizagem ocorra. Cabe destacar que as estratégias e instrumentos pedagógicos, de forma geral, decorrem de experiências no ensino presencial, as quais devem ser ajustadas ao modelo a distância.

4.2. Gestão educacional e a formação em Jornalismo

O trabalho do jornalista hoje é totalmente auxiliado pela tecnologia. Não há uma plataforma, desde as tradicionais, como rádio e TV, até as mais recentes, como os portais noticiosos, que não faça uso de ferramenta tecnológica. Nesse ínterim, estão as redes sociais e, sem dúvida, esse é um movimento sem volta para o Jornalismo.

A chegada das mídias digitais possibilitou ao jornalismo o surgimento de novas ferramentas para a produção e a edição jornalística, levando à adaptação de determinadas funções e práticas para o cibermeio, além de possibilitar uma maior interatividade entre os produtores e os

consumidores de notícias (VIRGINIO *et al*, 2011, p.4).

As mudanças nas estruturas curriculares das graduações presenciais já ocorrem há algum tempo, e continuam ocorrendo na busca de atualizar as atividades e as discussões teóricas aos mais recentes fenômenos encontrados. É comum as disciplinas práticas que envolvem produção, apuração e edição das reportagens, indiferentemente da plataforma, utilizarem as redes sociais, pois essa é a realidade que os recém-formados vão encontrar nas redações.

No modelo de graduação presencial, as experiências são constantes, e talvez nem mereçam mais serem denominadas de experiências, e sim, de práticas, contando com avaliações mais flexíveis que possibilitam medir melhor o desempenho dos alunos. Entretanto, nos cursos a distância, essas experiências (aqui cabe chamá-las assim) ainda são complexas. Claro que a imaturidade dos cursos oferecidos nesse modelo, como já destacado anteriormente, corroboram nesse sentido, pois eles ainda não possuem tempo de vida suficiente para que se possa dizer que o problema é a resistência dos gestores, por exemplo. Porém, de outro lado, não há como ignorar o atual formato de organização da sociedade, pautado nas redes de comunicações digitais, criando a necessidade de rever/aprender competências específicas para lidar com o *status quo*.

As denominadas competências infocomunicacionais nascem desse contexto e são defendidas por Borges *et al*. (2014) e Kenski (2015) como essenciais no processo de gestão, pois, ao adquiri-las, é que há entendimento da técnica, dando autonomia aos indivíduos, no caso, aos professores, para lidarem melhor com o novo arranjo educacional. As competências infocomunicacionais são divididas em três grupos: operacionais, em informação e em comunicação. Na verdade, não há um espaço que as delimite, pois “a exploração de informações na internet exige um conjunto de capacidades único e específico para cada situação” (OLIVEIRA, 2016, p. 76).

Como competências operacionais, pode-se citar a destreza ao manipular dispositivos tecnológicos, desde *smartphones* até *softwares* mais complicados. Essa competência requer constante atualização por parte dos indivíduos. A competência em informação diz respeito à habilidade em

usá-las para solucionar problemas, visando a novos conhecimentos e aptidões. A capacidade de análise e reflexão é muito cobrada nesse patamar. E, por fim, há a competência em comunicação, que se refere à capacidade de interação em diferentes ambientes que a virtualidade proporcione.

Assim, como ressaltado por Borges et al. (2014) e Kenski (2015), é imprescindível ao gestor de um curso a distância ter noção de que a formação do professor deve contemplar essas competências ou contar com treinamento para desenvolvê-las. Portanto, para que os professores possam rever suas metodologias de ensino no contexto das novas tecnologias, torna-se fundamental incentivar a capacitação dos docentes, além de rever o sistema de gestão que sustentará as ações (NOVELLO; LAURINO, 2012).

Para o sucesso do empreendimento, é necessário o gestor estar atento especialmente à constituição de seu corpo de tutores, visando atender e conduzir os alunos com maior destreza, uma vez que a finalidade será mais de acompanhar e orientar a aprendizagem dos alunos, estimulando a troca e sinalizando para possíveis deslizes ou inadequações.

Luck (2008) afirma que a gestão educacional é um processo que deve auxiliar na organização e na articulação das condições materiais e humanas necessárias para garantir os processos de aprendizagem dos estudantes.

Correlacionando a gestão de modelos em EAD ao conceito de organizações flexíveis, podemos ressaltar duas características principais: a inovação e novos papéis em detrimento dos já institucionalizados. Nesse sentido, o professor Mario Salerno (1999) desenvolveu o conceito de organizações flexíveis:

A gestão de organizações flexíveis no contexto do trabalho ordinário pressupõe a inovação do produto ou do processo, que responde pela competitividade. Estas organizações têm como características, além da inovação, trabalho organizado em grupos semiautônomos, coordenação horizontal e novos papéis extrapolando os de referência (SALERNO, 1999, p.72).

Embora o conceito tenha sido desenvolvido para a área da Engenharia de Produção, ele cabe muito bem quando se pensa em gestão em EAD, pois as características que dão identidade ao modelo são comuns à educação a distância. Otto Peters (2001), pesquisador em EAD, considera que ensino a distância incorpora os métodos do trabalho industrial.

Retomando a correlação, a inovação está presente nas iniciativas educacionais desse formato, até porque não há um modelo considerado ideal, propiciando constantes inovações/experimentações. Há certa singularidade no processo, tanto por parte de professores-tutores – quanto à forma como dialogam com os discentes (via *fóruns*, por exemplo) -, como pelos alunos, pois o ensino a distância pressupõe autonomia no gerenciamento do tempo e das atividades. E destacando mais uma característica das organizações flexíveis, há os novos papéis extrapolando os de referência.

O papel do professor que domina o conhecimento e o espaço da sala de aula, na modalidade a distância, é redefinido, pois ele deve exercer muito mais a função de orientador, de quem mostra caminhos, do que daquele que fecha portas, que determina percursos e que compartimenta o conhecimento. Essa pode ser uma das qualidades mais importantes e inovadoras da EAD: ela liberta, ou busca libertar o aluno de amarras propostas por gostos individuais de professores, pois está inserida na internet, uma rede de informações inesgotável e multifacetada.

Se a escola e a universidade ainda não exploram devidamente a internet na formação das novas gerações, estão na contramão da história, alheias ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo exclusão social e exclusão cibercultural. Quando o professor convida o aprendiz a um site, ele não apenas lança mão da nova mídia para potencializar a aprendizagem de um conteúdo curricular, mas contribui pedagogicamente para a inclusão desse aprendiz no espírito do nosso tempo sociotécnico (SILVA, 2010, p.38).

Marcos Silva, sociólogo e professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), faz a advertência acima pensando no contexto da educação presencial, porém quando

a referência é a EAD, não há o que discutir, pois o ensino já está no espaço cibernético. Porém, é necessário mais, como extrair dele tudo que possa oferecer de novo. Complementando seu raciocínio, Silva (2010, p.38) propõe que “a formação dos professores para docência presencial ou *on-line* precisará, então, contemplar a cibercultura”, e aponta quatro exigências necessárias para o processo ter sucesso.

A primeira é que o professor terá de ter em mente que o material que a internet oferece possui muitas possibilidades, ao contrário da estabilidade didática do material educacional tradicional (os livros, por exemplo). Como dito por Silva (2010, p. 38), “a mídia *on-line* faz melhor a difusão da mensagem; e vai além: a mensagem pode ser manipulada, modificada à vontade, graças a um controle total de sua microestrutura (*bit por bit*). Imagem, som e texto não têm materialidade fixa”. Ou seja, a apropriação que cada aluno fará do material é única, o que obriga o professor a ter certa abertura quanto ao que será fixado, mas olhar atentamente ao que é fundamental como objeto da aprendizagem.

A segunda exigência para a adaptação tem a ver com a primeira, pois o professor deve ter em mente que a internet é ancorada no hipertexto, o que descentraliza a imagem do docente e amplia de forma inimaginável a autonomia de aprendizado do discente. É o que Silva (2010, p. 42) alerta:

Na dinâmica do hipertexto, o professor oferece múltiplas informações (em imagens, sons, textos, etc.), sabendo que estas potencializam, consideravelmente, ações que resultam em conhecimento. Ele dispõe, entrelaçados, os fios da teia, como múltiplas conexões e expressões com que os alunos possam contar no ato de manipular as informações e percorrer percursos arquitetados. E estimula cada aluno a contribuir com novas informações e a criar e oferecer mais e melhores percursos, participando como coautor do processo de comunicação e de aprendizagem.

A terceira etapa do processo diz respeito à percepção, por parte dos

professores, de uma característica da denominada web 2.0¹⁴, a interatividade. Segundo Silva (2010), não há mais espaço para discussões pautadas pela linearidade e pela individualidade. O professor do século XXI deve entender que ele não mais domina os conteúdos sozinhos; o conhecimento não é mais visto como finalizado e, sim, em constante construção.

Na perspectiva da interatividade, o professor pode deixar de ser um transmissor de saberes para converter-se em formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências e memória viva de uma educação que, em vez de prender-se à transmissão, valoriza e possibilita o diálogo e a colaboração (SILVA, 2010, p. 43).

E fechando as exigências para o professor entrar de vez no espaço cibernético, está em ele entender algumas funções ou potencialidades que o espaço virtual proporciona, como as interfaces e as ferramentas. Silva (2010) enfatiza a diferença que há entre as duas funções citadas e coloca as interfaces como as primeiras a serem dominadas pelos professores, sugerindo o uso das mais conhecidas, como *chat*, fórum, lista e *blog*, como ponto de partida para entrar no meio virtual. Adiante, em suas explicações, o autor enumera as interfaces e aponta formas/caminhos para seu uso na educação¹⁵. Ainda referindo-se à quarta exigência, surgem as ferramentas, função menos desenvolvida por Silva (2010), mas citada como um possível instrumento de aprendizagem.

Para Polak (2002), a gestão educacional deve acompanhar as mudanças que ocorrem no mundo, além de ser criativa e adaptável.

Ser uma modalidade de ensino flexível, apoiada numa

¹⁴ Termo usado para designar uma segunda geração de serviços oferecidos na internet, tendo como conceito-chave aplicativos baseados em redes sociais e tecnologia da informação. Há uma mudança na forma como ela é percebida por usuários e desenvolvedores, ou seja, agora como ambiente de interação e participação.

¹⁵ Cf. Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para docência em cursos online. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2010/edicao_3/3-educar_na_cibercultura-desafios_formacao_de_professores_para_docencia_em_cursos_online-marco_silva.pdf>. Acesso em: 20/11/2017.

pedagogia que assegura autonomia e reitera a singularidade, ter a participação como pilar fundamental na definição das diretrizes e estratégias de ação, articular o mundo do saber e do fazer [...], potencializar a formação de redes (POLAK, 2002, p. 47).

Aproveitando o ensejo oferecido pelo autor, uma rede social ganha espaço na área jornalística, o *Facebook*, e mais, uma ferramenta, em especial, oferecida pela rede, criada e desenvolvida inicialmente para atender empresários, artistas e jornalistas: o *Live*.

Se a produção das reportagens já se adaptou às redes sociais, se já faz uso de suas ferramentas, o que resta à educação é também inseri-las nos ambientes de aprendizagem, sejam presenciais ou *on-line*. Porém, para que as experiências se tornem práticas viáveis, a gestão precisa cuidar da formação do professor, conteudista e tutor, buscando adequá-la às exigências do mercado educacional, especialmente no caso discutido, que remete a um curso de graduação no qual a tecnologia se faz mais do que presente na prática diária.

5. Jornalismo no formato EAD: vamos experimentar as redes sociais?

Experimentações de sucesso do uso das redes sociais em atividades práticas que compõem a formação jornalística são recorrentes na educação presencial. Os projetos pedagógicos dos cursos, até mesmo por exigência das DNCs, estão recheados de descrições de processos que as contemplam. Ainda sobre elas, muitos professores passaram a utilizá-las como espaço de interatividade, de depósito de material didático, e também de meio para construção de reportagens/exercícios práticos.

Realidade admitida, a discussão se volta para a formação oferecida no modelo a distância: as mesmas experiências seriam possíveis? A primeira barreira que se coloca é a quantidade de alunos por professor-tutor, normalmente bastante superior à que os docentes das modalidades presenciais dão suporte. Algumas IES estipulam atendimento a 30

alunos por hora-aula (50min.), o que, de fato, seria um fator a ser considerado pela gestão, pois atender presencialmente a esse número de alunos em cinquenta minutos é bastante diferente, uma vez que esclarecendo a uma única dúvida levantada, o professor pode estar alcançando os demais alunos que compartilhavam da mesma inquietude.

Na EAD, na maioria das vezes, o tutor atende individualmente, mesmo com as dúvidas se repetindo. Outro ponto é a forma como a proposta seria oferecida, provavelmente diferente da educação presencial. Desse modo, visando dar substancialidade à análise, experiências com o *Live* do FB serão descritas e usadas como base para propor adaptações ao modelo EAD e como apoio também à discussão sobre a gestão que envolve essas adequações.

Desde 2015, o *Facebook* oferece aos usuários um dispositivo de gravação ao vivo, o *Facebook Live*. Antes disso, a única maneira de compartilhar vídeos nas redes sociais era por meio de *links* de outros *sites*, como *YouTube* e *Vimeo*. Embora tenha começado em 2015 por meio do próprio criador da rede, Mark Zuckerberg, a ferramenta passou por algumas transformações nos últimos anos. Inicialmente, era exclusiva para páginas de figuras públicas, como políticos, atletas e artistas, mas depois foi disponibilizada para os jornalistas e, mais recentemente, para o público em geral.

Jornalistas têm sido acusados, ao longo do tempo, pejorativamente, de serem “contadores de histórias”, o que, de fato, durante alguns séculos, foi realidade, pois, sem o advento da tecnologia que os colocasse na hora e lugar dos acontecimentos, as coberturas eram, na verdade, reconstruções da realidade. A TV veio para corrigir um pouco essa distorção, mas foi a internet, com sua rapidez e disponibilidade, que realmente mudou a forma e o trabalho jornalístico.

A tão idealizada imparcialidade, agora, estava mais perto, pois podia-se transmitir, colocar imagens ao vivo, sem que a mediação do repórter fosse tão presente - e mais, sem que a edição das imagens fosse feita. As transmissões ao vivo aproximavam o público do fato, transportando-o para o local, para o momento, possibilitando sua participação. Sem dúvida, a nova forma de cobertura vinha para agregar na busca pela

imparcialidade jornalística.

Rapidamente, as empresas jornalísticas assimilaram o *Live* e passaram a fazer constantes transmissões ao vivo, o que incitou os usuários a tecerem comentários, compartilharem conteúdo e também interagirem no sentido da construção da notícia, enviando outros vídeos, fotos ou até mesmo mais informações que complementavam a cobertura, tornando-a mais real e colaborativa.

Uma vez o recurso viável e consolidado, a educação também passou a incorporá-lo nas atividades práticas propostas. Se, no passado, foram criados espaços nas IES muito próximos ao do trabalho, como miniestúdios de TV e pequenas estações de rádio, agora havia os espaços virtuais. As disciplinas voltadas às técnicas de reportagem têm como objetivo principal mostrar para o aluno a importância de apurar o fato jornalístico sob todas as perspectivas possíveis. Isso faz parte da incessante busca pela imparcialidade, pois não cabe ao jornalismo informativo discutir, nas somente relatar, reportar.

Por exemplo, em coberturas de eventos, não seria mais necessário contar como ele se deu, podia-se mostrar ao vivo. Sim, à TV também já era permitido, porém ela obedece a rígidas regras relativas à grade e a anunciantes, o que, muitas vezes, impede mudanças drásticas na programação. Outro exemplo que pode ser citado e que muito tem ocorrido é o denominado furo de reportagem, sempre desejado pelos jornalistas, mas muito menos alcançado no passado.

Com o advento da tecnologia e do imediatismo que a internet proporciona, a sorte de se estar no lugar certo e na hora certa passou a não ser tão rara assim. Entre as possibilidades para se reportar o “furo”, agora havia o *Live* do FB. Ambas as circunstâncias citadas aconteceram com recorrência; por exemplo, durante a cobertura dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. *Sites* e mídias alternativas usaram bastante o *Live* em suas coberturas¹⁶.

Em vista disso, as graduações presenciais inseriram de maneira

¹⁶ A título de exemplo, recomenda-se visita ao Facebook do portal: <<http://www.paradeportes.com/>>.

natural atividades que contassem com os recursos agora facilitados pelas redes sociais. Para atender à prática da reportagem, de como se constrói e se veicula a informação com o mínimo de interferência de quem a apura, exercícios passaram a ser propostos, nos quais todo o ferramental tecnológico disponível é incentivado a ser usado.

Fato destacado, a discussão se volta para o gerenciamento de atividades dessa natureza. Nas graduações presenciais, elas se deram de forma gradativa, pois os professores, na maioria dos casos, as inseriram espontaneamente, assim como elas foram incluídas em suas vidas, muito por conta de ainda exercerem funções nas redações e estarem vivenciando essas transformações no mundo do trabalho.

Retornando à gestão em EAD, se levarmos em consideração a máxima relação possível entre tutor e discentes visando obter conceito SATISFATÓRIO (3) nas avaliações, ou seja, um tutor para mais de 40 e menor ou igual a 50 alunos, como indica o Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação Presencial e a Distância¹⁷, estaríamos apontando para um número significativo de alunos por tutor.

Entretanto, se olharmos pelo lado de que os cursos de graduação, excetuando-se os oferecidos pelas instituições públicas, raramente trabalham com números inferiores a 50 alunos por turma, a relação não parece fora dos padrões praticados na educação brasileira. Porém, é necessário lembrar a média já mencionada anteriormente, de 30 alunos atendidos em 50min (individualmente), o que muda o entendimento da realidade exposta acima.

Assim, esse já é um ponto a ser considerado pelo gestor, pois envolve custos; talvez fosse necessário reduzir o número de alunos por tutor, necessitando mais contratações. Mas imaginando um cenário possível após estudo de viabilidade financeira, a discussão volta-se para a questão da organização do curso, se é aceitável incluir tarefas práticas realizadas com o auxílio do *Facebook Live*.

Como visto anteriormente, a oferta de cursos de graduação em

¹⁷ Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumentos/2012/instrumento_com_alteracoes_maio_12.pdf>. Acesso em: 20/11/2017.

Jornalismo a distância em atividade parece ainda ancorada na lógica idealizada para os cursos presenciais, excetuando uma que, em princípio, mostra-se mais contemporânea. Pensando positivamente, a aplicabilidade de atividades envolvendo o *Live* do FB apresenta-se como adaptável ao modelo a distância, pois se outros elementos são transpostos sem dificuldades, por que não experiências mais recentes e inovadoras?

É importante destacar que, independentemente da modalidade ofertada, a graduação em Jornalismo precisa atender às DCNs¹⁸ propostas pelo MEC, as quais incluem “competências, habilidades, conhecimentos, atitudes e valores a serem desenvolvidos” (Artigo 5), em destaque, em virtude da natureza da discussão, conhecimentos referentes a “utilizar as tecnologias de informação e comunicação (item J); pautar-se pela inovação permanente de métodos, técnicas e procedimentos” (item K), como exposto nas Competências Gerais do artigo 5.

Se, no modelo EAD, o tutor precisa dar suporte às atividades desenvolvidas pelos alunos através do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), não é difícil imaginar que, juntamente com o ambiente virtual de aprendizagem que a IES usa, possam ser também gerenciados pela tutoria outros espaços, como, por exemplo, a rede social mencionada. Na verdade, a proposta não é expandir os espaços de aprendizado no sentido de aumentar o trabalho do tutor, mas, sim, variá-los.

Portanto, em vez de postar no AVA o vídeo feito como exercício prático de reportagem, ele seria visto diretamente via *Facebook*; e mais, ele seria feito em tempo real, utilizando a ferramenta *Live*, desenvolvendo-se diferentes habilidades nos alunos exigidas no cenário jornalístico atual já destacadas. O *Live* possibilita que o vídeo seja salvo na linha do tempo do usuário, o que permitiria ao professor vê-lo a qualquer momento, ou seja, não seria necessário assistir a ele no ato de sua realização, o que, sem dúvida, dificultaria sua inserção como instrumento de aprendizagem, pelo que já foi exposto quanto ao tempo destinado à tutoria. Mas aí a discussão esbarra em outro ponto necessário de ser observado pela gestão de curso: a formação de seu corpo docente.

¹⁸ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&Itemid=30192>. Acesso em: 20/11/2017.

Esse ponto não deve representar um empecilho, desde que a gestão se preocupe em ministrar cursos, treinamentos, *workshops* que possam atualizar ou até mesmo inserir os docentes na cibercultura, além de oferecer instrumental técnico para que eles dominem e possam avaliar com mais desenvoltura a produção realizada pelos alunos. Recordando Silva (2010), o professor deve estar atento às exigências do mundo cibernético, sob pena de exclusão de suas atividades, uma vez que a educação está inserida nesse contexto. Outro aspecto que aponta para o sucesso do experimento é que se pressupõe que o docente/tutor de um curso de graduação de Jornalismo seja alguém que já domine as tecnologias citadas, pois elas fazem parte de seu universo de conhecimento/especialização.

A princípio, o que fica da descrição do método já aplicado nos cursos presenciais e supostamente adaptado à educação a distância é de que é viável e deve ser testado, porém algumas etapas devem ser pensadas e estruturadas pela gestão antes de sua implantação. Primeiro ponto a observar é a relação numérica entre tutor e quantidade de alunos, se ela permite ampliar o espaço de aprendizagem, ou seja, ela deve ser analisada com esmero. A resposta pode estar na análise das atividades práticas já realizadas e postadas via AVA, atendo-se ao volume e à destreza da tutoria em lidar com as mesmas.

O segundo aspecto a ser apreciado diz respeito à transposição de plataformas, se seria possível um *link* que levasse diretamente ao *Facebook*, ou outras maneiras que facilitassem o acesso dos tutores à rede social, pois sua inserção, confirmando-a como ferramenta de aprendizagem incorporada ao AVA, seria fundamental. Esse aspecto, em especial, deveria ser discutido com a equipe responsável pela TI.

E, finalizando, e imaginando que as barreiras anteriores já estariam transpostas, fica a questão da capacitação oferecida aos docentes/tutores, para que todos pudessem se familiarizar com a rede e, principalmente, com a ferramenta. Vistos esses aspectos e após crítica à viabilidade da proposta, caso a resposta apontasse para um sim, fica a pergunta: Por que não usar? Por que não experimentar?

6. Considerações finais

Se há uma característica que deve ser ressaltada na educação a distância é seu caráter inovador e inquietador. Se, no modelo convencional, as mudanças são lentas e difíceis, na EAD, elas ocorrem com maior desenvoltura e acolhimento. Porém, há implementações que, por mais necessárias que sejam, precisam ser refletidas com cuidado. É o caso da proposta do artigo. Sabe-se que introduzir as potencialidades das redes sociais não trata apenas de transpor empecilhos técnicos. Há de se ter muita atenção com todo o processo, principalmente com uma parte muito importante da ação ensino-aprendizagem: o professor.

Pensando que hoje não há como nenhum profissional se acomodar diante das mudanças tecnológicas, cabe ao professor e às instituições de ensino essa constante atualização. Desse modo, um dos empecilhos citados na discussão já surge como necessidade, ajuste para permanência no mundo da docência, sob pena de exclusão.

As dificuldades técnicas apontadas ao longo do artigo, bem como a relação aluno/tutor são problemas mais facilmente resolvidos, pois, embora esbarrem em viabilidade financeira, uma vez isso acertado, em princípio, poderiam ser solucionadas.

Assim, a questão da constante formação/capacitação do corpo docente apresenta-se como o ponto mais desafiador, considerando que haja resistência, bem como o entendimento, por parte do professor, de um acúmulo de funções. Porém, é importante destacar que a ideia da proposta é variar os espaços de interação e práticas, viabilizando experiências e exercícios, certamente muito próximos às rotinas produtivas que futuros jornalistas encontrarão nas redações.

Outro ponto que merece ser sublinhado é a dicotomia que acomete a EAD. Ao mesmo tempo em que é uma modalidade que tem como característica a inovação, as estruturas curriculares apresentam-se com recorrência ancoradas nas grades praticadas no modelo presencial. Esse aspecto é real, em princípio, nas ofertas das graduações em Jornalismo a distância no Brasil.

A reflexão proposta está no âmbito de uma modalidade de educação que têm como predicado a experimentação. Cabe tentar, buscar caminhos para que novas práticas sejam inseridas. Para finalizar a reflexão, uma provocação retirada do livro *O Príncipe*, escrito por Nicolau Maquiavel em 1513: “[...] E deve ser lembrado que não há nada mais difícil para iniciar, mais perigoso para conduzir, ou mais incerto no seu sucesso, que assumir a liderança de uma nova ordem de coisas.”

Referências

BORGES, J. et al. *Competências infocomunicacionais: um conceito em desenvolvimento*. In PASSARELLI, Brasilina; SILVA, Armando Malheiro da; RAMOS, Fernando (Orgs.). *E-infocomunicação: estratégias e aplicações*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014, p. 125-144.

KEEGAN, D. *Foundations of distance education*. London: Routledge, 1996.

KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2015.

LANDIM, C. *Educação a distância: algumas considerações*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1997.

LEKA, A. R.; GRINKRAUT, M. L. *A utilização das redes sociais na educação superior*. Revista Primus Vitam, número 7, 2014.

LITTO, F. M; FORMIGA, M. (org.) *Educação a distância: o estado da arte*. Volume 1. São Paulo: Person, 2009.

LITTO, F. M; FORMIGA, M. (org.) *Educação a distância: o estado da arte*. Volume 2. São Paulo: Person, 2012.

LUCK, H. *Gestão Educacional: uma questão paradigmática*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MACHADO, E. *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Salvador: Calandra, 2003.

NOVELLO, T; LAURINO, D. *Educação a distância: seus cenários e*

autores. Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação ISSN: 1681-5653 n.º 58/4 – 15/04/12.

OLIVEIRA, C. T. C. *Novas Tecnologias Aplicadas à Educação*. São Paulo: Editora SENAC, 2016.

PETERS, O. *Didática do ensino a distância: experiências e estágios da discussão numa visão internacional*. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2001.

POLAK, Y. *Gestão, estrutura e funcionamento da educação a distância*. Curitiba: IBPEX, 2002.

RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Meridional, 2011.

SACRISTAN, G. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Artmed. 1988.

SALERNO, M. S. *Projeto de Organizações Integradas e Flexíveis*. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, M. *Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para docência em cursos online*. Revista Digital de Tecnologia Cognitivas (Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital – PUC – SP), número 3, janeiro – junho/2010.

VIRGINIO et al. *Jornalismo na era das mídias sociais: as transformações e as novas práticas da profissão*. Revista Temática (Revista mensal vinculada ao NAMID - Núcleo de Arte, Mídia e Informação Digital, do Curso de Comunicação em Mídias Digitais e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGC/UFPB), ano VII, n. 9, Setembro/2011.

Como citar este artigo

ABNT: CRISPINO, Fabiana Santos ; MARTINS, Mirian Motta Magalhães; VIDAL, Elaine Oliveira. Redes Sociais: É Possível sua Inserção no Formato EaD? Reflexões Sobre a Gestão a Partir do Uso da Ferramenta Live do Facebook em Cursos de Graduação em Jornalismo. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância, v. 18, n. 1, 2019. ISSN 1806-1362. doi:<http://dx.doi.org/10.17143/rbaad.v18i1.121>.

Autor correspondente

Fabiana Crispino Santos
E-mail: fabiana.crispino@ibmec.edu.br

Recebido: 17/04/18**Aceito: 25/10/18****Publicado: 26/04/19**